

O CARTEIRO DO REI

1232

RUBEM BRAGA

Vai ser levado novamente, no Ginastico, por iniciativa da Sociedade dos Amigos da India, a peça de Tagore "O Carteiro do Rei".

Assisti a primeira representação meio por acaso, tão pequena foi a publicidade feita. Mau freguês de teatro e cinema, fui atraído pelo nome do poeta e também da tradutora, Cecilia Meireles. E não me enganei porque "O Carteiro do Rei" são dois atos de pura poesia.

A historia é bem simples: um menino doente que não pode sair de casa e fica em sua janela vendo as coisas, conversando com quem passa — o guarda, a moça, o vendedor de queijinhos, os outros meninos... E fica perguntando coisas, olhando a montanha lá longe, imaginando as aldeias entre grandes arvores na beira dos rios que jamais verá. Ele vê muito longe um carteiro do Rei, que desce um caminho infinito com uma lanterna na mão e um saco às costas. Alguem lhe diz que ele vai receber uma carta do Rei...

Sabemos que é mentira. O Rei não escreve carta para meninos doentes nas aldeias perdidas. O Rei tem, seguramente, mais o que fazer — ou mais o que não fazer. Já conheci um Rei que todo ano recebia os meninos pobres, pelo Natal. Não sei se o seu sucessor continua essa praxe aparentemente suave. Sei que de todas as lembranças que me ficaram desse longo reinado, e muitas eram bem tristes (eu vi homens de carne dilacerada pelas torturas gemendo no fundo das prisões) nenhuma talvez seja tão dolorosa como espetáculo monstruoso da bondade do Rei. Assisti mais de uma vez a esse "show" de miseria, de humilhação e de infinita crueldade. Vi, sob o sol escaldante ou sob a chuva ruim, a fila enorme que se enroscava pelas esquinas nos fundos do parque do Palacio do Rio — uma fila de milhares de mulheres pobres carregando suas crianças, horas e horas a pé, mortificadas, para receber o cartão com que no dia do grande "show" — o dia de Natal — deveriam formar em outra fila para receber a dadiva do Rei.

E essa fila de gente do povo parecia uma enorme cobra farenta que se movia com enervante lentidão. Afinal a mulher do morro, com um menino choramingando no colo e outro agarrado às saias, chegava — momento supremo — junto ao agente do Rei e recebia seu pacote de presentes. Às vezes, diante de uma bateria de fotografos e cinegrafistas e jornalistas e cortesãos — era o proprio Rei em pessoa que vinha, com sua curta mão cabeluda, afagar a cabeça de um menino pobre...

Seria bondade? Tenho testemunho de senhoras que estiveram perto da Rainha e falam, com sinceridade, de seu cgração bom e de seu devotamento aos pobres — e seria injusto se não contasse isso. De resto, não me cabe julgar ninguem.

Mas a vida é tão horrivelmente misturada nas suas coisas, e dos sentimentos para a ação há tanta sutil e enganosa mudança, que de um gesto que deveria ser belo se fez um espetáculo de degradação e crueldade. Era como se a pobreza ficasse mais miseravel, o resto do ano, depois de levar para casa, exausta de se exhibir e esperar, aquele pacote de presentes de Natal...

O menino Tagore, que Maria Fernanda faz de maneira tão comovente, foi um menino feliz. Ele recebeu a carta do Rei. E o proprio Rei, em toda a sua gloria, veio buscá-lo para a viagem maravilhosa alem da montana azul.

24.549

147